

# **Meninos em guerra**



Jerry Piasecki

# Meninos em guerra

História de amizade e conflito na África

Tradução de Beth Vieira

**ea**  
editora ática

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais da edição anterior

Título original: *Thomas and Deng*

Título da edição brasileira: *Meninos em guerra:*

*história de amizade e conflito na África*

© 2006 United Nations

The present work is an unofficial translation for which the publisher accepts full responsibility

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Gabriela Dias
Editor assistente	Fabrizio Waltrick
Produção editorial	Dreampix Comunicação
Redação	Thompson Loiola
Preparadora	Andrea Vidal
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Alessandra Miranda de Sá

ARTE

Ilustração de capa	Mariana Coan
Editora	Cintia Maria da Silva
Diagramação	Dreampix Comunicação

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P644m

Piasecki, Jerry

Meninos em guerra : história de amizade e conflito na África

/ Jerry Piasecki ; tradução de Beth Vieira. – São Paulo : Ática, 2012

ISBN 978 85-08-15679-5

1. Guerrilhas – África – Literatura infantojuvenil.
2. Adolescência – África – Literatura infantojuvenil. I. Vieira, Beth. II. Título.

06-2162.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 15679-5 (aluno)

CL: 737750

CAE: 270181

2018

2ª edição

7ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# APRESENTAÇÃO

*Muhammad Ali*

Por vezes, quando ouvimos falar em guerras, preconceitos, em gente passando fome, achamos que, se não está acontecendo conosco, não é da nossa conta. Mas estamos errados ao pensar assim. As esperanças e os sonhos são iguais nos jovens do mundo todo. O jovem do Japão e o jovem da Somália desejam as mesmas coisas: amor, atenção e paz.

Aqui está então meu desafio para vocês: leiam este livro. Abram sua mente, ouçam seu coração. Seus irmãos e irmãs do mundo todo dependem de *vocês* para que, juntos, possam enfrentar as injustiças, o ódio e a maldade que inspiram os atos brutais cometidos contra inocentes.

Com suas palavras e suas ações, vocês podem inspirar a paz. Comecem com sua própria família, seus vizinhos, seus colegas de classe. Comecem usando aquela regra de ouro: tratem o próximo como vocês gostariam de ser tratados — com respeito, com tolerância.

E, da próxima vez que souberem de alguma injustiça cometida contra um jovem, lembrem-se de Thomas e Deng. Eu espero que a história desses dois meninos inspire vocês a lutar, junto com jovens do mundo todo, para impedir a violência e o preconceito contra inocentes.

Meus amigos, vocês são o nosso amanhã. E eu não só acredito na capacidade de vocês de nos levar a um futuro melhor como, também, conto com isso.

*O ex-boxeador Muhammad Ali nasceu nos Estados Unidos em 1942, com o nome de Cassius Clay. Trocou-o quando adotou o islamismo como religião, em 1964. Ali é considerado um dos maiores pugilistas da história. Em 1967, recusou-se a servir o Exército e combater na Guerra do Vietnã; por isso ficou preso por dois anos e meio. Depois, voltou aos ringues. Em 1974, na África, venceu George Foreman em uma das lutas mais conhecidas do esporte. Desde que se retirou do boxe, Muhammad Ali vem se dedicando a causas humanitárias. Em 2000, ganhou da ONU o título de Mensageiro da Paz.*

**A história de Thomas e Deng se passa na África.  
Você conhece os países que formam esse continente?**





**Thomas**

— Você ficou sabendo do que aconteceu na Kitawi?  
— Opia Bulambo nem esperou seu melhor amigo, Thomas Wandume, responder. — Eles levaram todo mundo. Não sobrou ninguém na escola.

— Quem levou quem? — Thomas ainda não tinha acordado direito, embora já estivesse de pé havia quase meia hora. As manhãs de sexta-feira eram sempre meio complicadas: ele só conseguia pensar que no sábado poderia dormir até mais tarde. Nas sextas, o que fazia era tentar ver quanto da caminhada de uma hora até a Escola Galati conseguiria completar com os olhos fechados.

— E faz o favor de ir um pouco mais devagar... — Thomas bocejou na mesma hora em que quase deu uma topada numa árvore. — E vê se fala menos. Você parece uma matraca. Já estou até com dor de cabeça.

Opia deu um tapa de leve na nuca de Thomas e continuou falando, só que mais rápido ainda.

— Ah, quer dizer que você está querendo uma dor de cabeça, é? Certo, então agora você já tem uma dor de cabeça. Abra os olhos e me escute. Eu soube pelo Ottanwanga, que soube pelo Kayembe, que soube pelo padre Willy Zagebe, que eles levaram todo mundo.

— Certo, certo — Thomas parou no meio da estrada de terra batida. — Eu tenho três coisas para te dizer. Primeiro, e de novo, do que você está falando? Segundo, eu não caio mais nas suas piadinhas. E, terceiro... se algum dia você *ousar* me bater de novo, eu arranco o seu nariz fora.

- Meu nariz?
- O seu nariz.
- Só o meu nariz?
- Opia...
- Tudo bem.

Opia deu mais uma tapinha na cabeça de Thomas e continuou falando.

— Não é piada não. A FRD invadiu a escola e levou todo mundo.

— Você é doido mesmo, cara. Você é muito doido mesmo se está achando que eu vou acreditar nisso. A FRD está a um milhão de quilômetros daqui. Está do outro lado da fronteira. Eles não podem entrar aqui. Simplesmente não podem.

— Mas entraram. Pergunte a qualquer um da Escola Kitawi.

FRD era a sigla da Frente de Resistência Democrática. Desde os cinco anos de idade Thomas ouvia histórias a respeito das atividades da FRD. Ela sequestrava crianças e as obrigava a combater na guerra. Mas isso acontecia sempre do outro lado da fronteira, bem longe de casa. Agora, com quase 15 anos de idade, achava que aquelas histórias eram meros boatos ou, então, e bem mais provável, uma das brincadeiras sem graça de Opia. Não queria nem pensar na possibilidade de que seu amigo estivesse dizendo a verdade. Era a última coisa em que queria acreditar.

Thomas deu um empurrão no amigo.

— Não, eu não vou perguntar nada pra ninguém. Você espalha mais boato que uma velha.

— Por acaso eu pareço uma velha?

— Parece.

— Para com isso, Thomas. Eu sou seu amigo. Você pode confiar em mim.

Thomas deu risada.

— Meu amigo você é, mas confiar em você é o mesmo que acreditar que a cobra vai lamber, mas não vai picar.

— Como assim? — Opia estalou a língua e tentou fazer voz de mágoa.

— Lembra do que você aprontou comigo naquele lance da Besada? Lembra? — Thomas perguntou. — Ou já esqueceu?

Apesar dos esforços para conter o riso, Opia não resistiu. Sua fisionomia se abriu primeiro num pequeno sorriso e, depois, numa bela risada.

— É, aquela foi muito boa mesmo.



Logo no comecinho do ano letivo, Opia tinha convencido Thomas de que Besada, a menina mais bonita da escola vizinha, estava apaixonada por ele — e que, para ganhar o coração dela, bastaria lhe dar uma flor vermelha bem grande, rodeada por florzinhas roxas. Opia explicou então que Besada era uma menina muito tímida, que não conseguiria conversar com Thomas enquanto não soubesse o que ele sentia por ela, e as flores seriam a prova de que ele também a amava. E, como quem não quer nada, Opia acrescentou que as flores teriam de ser oferecidas durante o campeonato de luta livre do festival de outono.

— Ela vai se sentir mais segura lá — disse Opia. — Uma garota tão tímida, tão doce. Levou um tempão para eu convencê-la a concordar com esse sinal. Essa é a sua grande oportunidade, Thomas. Não estrague tudo!

Na manhã do campeonato, Thomas tomou dois banhos e pegou “emprestado” um pouco da loção pós-barba do pai. Então vasculhou as moitas perto de sua casa à procura das flores mais bonitas e foi devagar até o festival, para não ficar suado.



— Besada, estas flores são para você. Eu gosto de você. Gosto muito de você.

— Ficou doido? — Besada olhou Thomas com um misto de espanto e desdém. — William! — ordenou ela. — Vem cá.

Um rapaz enorme, uns dois anos mais velho que Thomas, passou o braço pela cintura de Besada.

— Qual é o problema?

William era o campeão de luta livre de uma aldeia vizinha. E, além de ser muito forte e briguento, era extremamente ciumento.

— Este garoto está tentando me dar umas flores, você acredita? Nunca vi tanto desrespeito por você.

Antes que Thomas tivesse tempo de virar e correr, já tinha voado pelos ares. Nem sequer teve tempo de gritar; quando percebeu, estava caindo de cara numa poça de lama.

Thomas se lembrava muito bem da hora em que cuspiu lama e olhou para Opia, que chorava de tanto rir. E também das gargalhadas de Besada e das demais pessoas que foram assistir à luta.

— Eu acho melhor a gente respeitar os lutadores da cidade desse garoto aí — riu William com todo mundo. — Afinal, eles sabem voar.

Thomas acabou perdendo o amigo pela peça, mas continuava sentindo vergonha daquele episódio. Naquele dia ele jurou nunca mais acreditar numa só palavra do que Opia dissesse.

Em troca de reatar a velha amizade, Opia teve de admitir que era um mentiroso, só para dizer, depois, que mentira sim, mas ao fazer a confissão forçada.



— E depois do que fez comigo, aquele dia, você acha mesmo que eu vou acreditar nas suas palavras? Esqueceu do meu juramento? — Thomas pôs as mãos nos quadris e caminhou na direção de Opia, que recuou de ré.

— Mas dessa vez é sério, Thomas. Pode apostar que é. Eu falei a verdade.

— Você falando a verdade? Taí uma coisa que eu gostaria de ouvir. E por falar em ouvir, lembra do que eu falei? Lembra?

Thomas deu mais alguns passos e Opia bateu em retirada.

— O que foi que você falou? Aquilo sobre as minhas piadas?

— Não. — Thomas avançou na direção do amigo, e Opia saiu correndo. — Sobre o seu nariz!

### **Deng**

— Ah, filho, o segredo é justamente esse — disse Salman Nduku, enquanto tateava o ninho de sua galinha predileta, a que tinha pintas marrons e brancas, até encontrar um ovo perfeito. — Ela sabe como sentar bem juntinho do ovo para mantê-lo na temperatura certa, mas sem apertar demais para não quebrar a casca.

— Pai — Deng sorriu e deu-lhe um tapinha nas costas. — Ela é uma galinha.

— Mas uma galinha muito sábia.

— Pai, acho que o senhor já trabalhou na roça tempo demais. Demais da conta...

— A gente aprende um bocado com as galinhas. — O senhor Nduku riu.

— O que, por exemplo? — Deng sorriu. — Como cacarejar?

— Ou como botar um ovo.

Deng examinou o tamanho do ovo em relação ao tamanho da galinha.

— Eu acho que há certas coisas que é melhor a gente deixar a cargo das galinhas...

— Viu só? Nunca subestime as galinhas.

— Eu gostaria é que ela fosse parar no meu prato, hoje no jantar.

— Tudo bem, aí amanhã de manhã você põe os ovos.



Era uma linda manhã na época mais linda do ano. Os inhames logo poderiam ser colhidos, e, apesar da guerra, os Ndukus teriam o suficiente para comer. O sítio era pequeno, mas produzia o bastante para Deng, seus dois irmãos e seus pais, e ainda sobrava um pouquinho para vender na beira da estrada. Esse dinheiro pagava a mensalidade da escola do filho mais velho, que era de cinco dólares. A família só tinha condições para educar um dos meninos, e Donat, que tinha 17 anos e era o mais velho, fora a escolha lógica. Deng, que acabara de completar 15, e seu irmão Latek, de 16, trabalhavam um pouco na roça e ajudavam a cuidar das galinhas, das duas cabras e das quatro vacas, animais que faziam da família Nduku uma das mais abastadas da região.

Embora o país estivesse sendo devastado pela guerra havia uma década, os Ndukus tinham sorte. O sítio ficava na fronteira, e até agora boa parte das lutas ocorrera a muitos quilômetros dali. Mas, nos últimos tempos, era visível no rosto do senhor Nduku a preocupação que sentia. Os rumores tinham aumentado muito, e cada um deles parecia mais cheio de detalhes que o anterior. Ele tinha ouvido dizer que a FRD havia cruzado a fronteira e que o Exército talvez estivesse a caminho.

*São apenas rumores, ele pensava. Mais nada.* Mas nos últimos tempos esses pensamentos muitas vezes se transformavam em dúvida, antes de irem embora.

Quando o senhor Nduku estava com Deng e os outros filhos, ocultava sob o sorriso enorme todo o medo que sentia. Não queria assustar a família e havia muito trabalho a fazer.

— Deng, vá ajudar seu irmão a cuidar das vacas.

— Ajudar a cuidar das vacas, botar ovos... Quanto trabalho um só menino consegue fazer num dia?

— Continue a fazer corpo mole que eu lhe mostro já, já.

— As vacas, pai — Deng virou e saiu correndo na direção do rio. — Vacas, vacas, vacas, tenho que ajudar Latek a cuidar das vacas.

O senhor Nduku sorriu. Tinha orgulho de Deng, que, apesar de ser o caçula e o mais magricela dos filhos, era também o mais esperto. Deng tinha o sorriso e a bela pele cor de ébano do pai, a ossatura pequena e a mente aguda da mãe.

— Quem sabe um dia o Deng também vai estudar na escola... — disse o senhor Nduku para sua galinha predileta. — Quem sabe um dia, não é mesmo?

A galinha com pintas marrons e brancas cacarejou três vezes e acomodou-se de novo sobre seu ovo.

— Você tem razão — continuou o senhor Nduku. — Sonhar é perda de tempo, quando temos tanto trabalho a fazer. — Começou a caminhar na direção de sua roça, mas parou de repente e farejou o ar. O olhar de preocupação mais uma vez tomou conta de sua fisionomia. Havia algo queimando, mas ele não saberia dizer o que, nem onde.

### **Thomas**

Thomas alcançou Opia já perto da enorme laranjeira que ficava exatamente a meio caminho da escola. Derubou-o no chão e, com os joelhos, imobilizou-lhe os braços. Era maior e mais veloz que Opia, que desistiu logo e ofereceu seu nariz, em troca de perdão.

— Pode ficar com o seu nariz — disse Thomas, levantando-se num salto. — Eu não quero nem pôr a mão nele.

— Obrigado, obrigado, muito obrigado, meu nobre e bondoso chefe! — E Opia riu muito, ainda esparramado no chão.

— Mas lembre-se de que ele me pertence.



Embora ainda faltassem seis meses para Thomas completar 15 anos, ele já estava quase do tamanho de

seu pai, que tinha um metro e oitenta de altura. Aos 13 anos, era o garoto mais alto da classe. Alguns já tinham começado a alcançá-lo, mas a maioria ainda estava longe disso. Seu rosto redondo e seus olhos enormes, entretanto, davam-lhe um aspecto de alguém ainda muito jovem, o que não condizia com seu tamanho. Ele ficava furioso quando Marguerite, sua irmã mais velha, beliscava sua bochecha na frente das amigas e dizia:

— Vejam só que rostinho de bebê mais lindo tem o meu irmãozinho caçulinha.

Marguerite estava com 16 anos. Quando recebia as amigas em casa, Thomas colava nela feito carrapato. Queria observar, ouvir e aprender tudo sobre as garotas. Um beliscão rápido na bochecha era o jeito mais rápido de se livrar dele.



— Vamos lá, Opia — disse Thomas, correndo para a laranjeira. — O último a chegar é o marido da lagartixa!

A árvore dominava todo o mato em volta. Do topo, os meninos podiam ver a escola onde estudavam, que ficava a mais de um quilômetro de distância. Thomas se acomodou num V formado pela junção de dois galhos. Opia, na frente dele, num X formado pelo cruzamento de dois ramos. Era ali que eles sempre sentavam para conversar, sonhar e planejar o futuro.

— Eu vi uma foto de um daqueles barcos de passeio na revista da minha irmã, ontem — disse Thomas, enquanto descascava cuidadosamente uma laranja com o canivete. — O capitão estava ajudando uma turista estrangeira muito bonita a subir a bordo. Um dia vou ser eu, lá.

— Um dia você quer ser uma estrangeira bonita? — perguntou Opia, jogando um pedaço da casca de laranja em Thomas.

— Você entendeu muito bem o que eu quis dizer...

— Como sabe que ela era estrangeira?